

O INDIANISTA PROFESSOR LUIGI SUALI.

A Itália, centro de irradiação de cultura, o primeiro país da Europa que possuiu a tradução do Râmâyana, realizada pelo Abade Gorresio, tem tido homens que a honraram neste ramo do saber.

Nestas breves páginas tratamos de um dos mais ilustres sanscritólogos, Professor Luigi Suali, falecido no dia 9 de março de 1957, em Pavia. Os dados bibliográficos foram proporcionados pelo filho do extinto, Professor Mariano Suali, os quais publicamos neste trabalho.

O Professor Luigi Suali nasceu em Bolonha, no dia 29 de setembro de 1881. Formou-se pela Universidade de Bolonha. Teve como professor de sânscrito o Professor Francesco Lorenzo Pullè, orientalista de projeção, fundador da célebre revista **Studi Italiani di Filologia Indo-Iranica**, autor da **Grammatica Sanscrita**, reflexo acentuado da gramática hindú e, além de outros trabalhos, a bela obra **Italia, Genti e Favelle** (3 volumes. Turim, 1927). Suali especializou-se durante quatro semestres, 1904-1905, com o célebre Professor Hermann Jacobi da Universidade de Bonn, que há muitos anos se especializara em Jainismo. Regressando da Alemanha, aperfeiçou-se durante um ano, com Professor Paolo Emilio Pavolini da Universidade de Florença, sanscritólogo e glotólogo, autor de inúmeros trabalhos variados, que revelam grande erudição, entre os quais **Buddismo** (Milão, 1898) e o **Mahâbhârata** (Florença, 1923). Refletindo a luz desses sóis inapagáveis, Suali iniciou a sua carreira no campo dos seus estudos indianistas.

O Professor Luigi Suali, tendo obtido a livre-docência por títulos, em 16 de abril de 1906, em Bolonha, foi transferido para a Universidade de Pavia, onde realizou a sua brilhante carreira universitária. Aí ensinou sânscrito, como professor titular, desde 1.º de janeiro de 1914 até 1.º de novembro de 1956, quando atingiu a idade da aposentadoria. Foi também professor de História Comparada das Línguas Clássicas e de Glotologia. Outrossim foi professor de Religiões e Filosofia e finalmente de Religiões da Índia e do Extremo Oriente.



Prof. Luigi Sualì

O Professor Suali ocupou cargo de projeção na Universidade de Pavia. Foi diretor da Faculdade de Letras e Filosofia de 1935 a 1946.

Recebeu vários títulos honoríficos, como sejam: Comendador por decreto presidencial, em 2 de junho de 1955; Diploma de 1a. Classe aos Beneméritos da Escola, Cultura e Arte, com medalha de ouro, em 2 de junho de 1956; “Professor Emérito” com D. P. R., em 2 de dezembro de 1956; Grande Oficial da Ordem de Mérito da República Italiana.

Suali escreveu muitas obras que citamos e mencionamos neste trabalho, para ligeira apreciação, principalmente aquelas que pudemos obter.

E’ de se notar que embora todos os sanscritólogos se interessem pelo campo inteiro relacionado com a Índia, desde a mais antiga à mais moderna, cada um tem, no entanto, preferência por certos aspectos especiais, oferecendo, destarte, pesquisas variadas que redundam em prol da cultura da Índia. E’ assim pois que um estudioso se dedica mais à literatura pròpriamente dita, outro à religião, outro à medicina, outra ainda à filosofia, etc. O Professor Suali, não perdendo a visão geral, enlevou-se com a filosofia, que está intimamente ligada à religião.

Introduzione allo studio della Filosofia Indiana (Pavia, 1913). Como se sabe, os sistemas filosóficos da Índia são muitos. Segundo as informações dos Jainas são 363 e no pensar dos budistas são 62. “O Compêndio de todos os sistemas” de Mâdhava (século XIV) apresenta o resumo dos dezesseis sistemas mais conspícuos. Porém, segundo o costume consagrado pela tradição literária indígena, divide-se a filosofia indiana ortodoxa ou brahmanica nos seis sistemas seguintes: Vedânta, Mímânsâ, Sâmkhya, Yoga, Nyâya e Vaiçeshika, os quais, ligados pela afinidade de idéias, formam três grupos. Tomando a literatura filosófica em seu todo, observa-se que não é possível atribuir a nenhum sistema um caráter exclusivamente religioso, metafísico, lógico ou psicológico, porém que cada um dêles é formado de todos êsses elementos a um tempo. O próprio Vedânta, que Deussen, expondo segundo Çankara, pôde denominar “um compêndio de dogmática do Brahmanismo”, é muito mais que um sistema teológico, como a Mímânsâ, embora prêsa à interpretação do Veda e às cerimônias religiosas, não pôde esquivar-se de discutir questões teóricas. Assim também o Nyâya e o Vaiçeshika não estão isentos de idéias religiosas e metafísicas como o autor prova.

O mesmo diga-se dos sistemas heterodoxos ou extra-brahmanicos, os primeiros entre os quais o budismo e o jainismo, que tiveram ambos a sua própria dogmática e a sua filosofia, pois é mister considerar que filosofia e religião eram sempre unidas. Daí o Professor Suali distinguir três camadas principais, três principais correntes de idéias: a teosófica, a metafísica, a filosófica. Ora, o aspecto filosófico (entendendo com esta expressão o estudo científico dos fatos do espírito e a tentativa de explicar o fenômeno procurando as leis universais), é formado e professado entre as escolas ortodoxas, pelo Nyâya-Vaiçeshika, que escogita de uma teoria a respeito do conhecimento que os outros sistemas são obrigados a colher embora, com algo modificada e adaptada. Assim os princípios do Nyâya-Vaiçeshika tornam-se patrimônio comum da filosofia indiana e dado o fato que destes dois sistemas, a lógica chegara à perfeição, não atingidas pelas outras escolas, estas aceitando-se na sua parte teórica apropriam-se também da sua parte formal.

O Professor Luigi Suali empreendeu os seus estudos sem preferência alguma por êsse ou aquêle sistema, porém, movido pelo desejo de penetrar a fundo o pensamento filosófico da Índia, compreendeu que de nenhum texto e de nenhuma escola poderia ter a idéia exata se não começasse por onde os indianos começaram. Nesta obra alentada, de quase 500 páginas, apresenta na sua segunda parte, a propedêutica necessária para um estudo sistemático da filosofia indiana, tratando de questões várias, definindo temas, deliniando teorias, de que dos sistemas Nyâya-Vaiçeshika passaram para outros sistemas, pois êstes dois são os mais filosóficos sistemas da Índia.

Suali procurou poupar aos outros estudiosos o sacrifício que experimentou na tradução e análise dos textos que tinha de pesquisar ao escrever essa obra notável. O trabalho apresenta na questão de cronologia dos sistemas: Nyâya-Vaiçeshika — o objeto do estudo do seu livro.

Ligado ao espírito científico, Suali, para tornar real o pensamento dos autores sânscritos, procurou pensar não como europeu, mas como indiano, pois raramente um termo técnico nosso reproduz exatamente o conteúdo do termo sânscrito a que deve corresponder.

O autor conclui com êste longo lance:

“E mi sia lecito di concludere con un augurio. Per ragione che qui é inutile ricercare, il gran pùbblico, anche colto, crede che la filosofia dell’India sia qualche cosa di mistico, scaturito dal rapimento estatico di pensatori che si atteggiano a profeti. Possa questo libro dimostrare che

il pensiero indiano ha saputo anch'esso affrontare la ricerca obbiettiva e scientifica, e sottoporre il mondo esterno e l'io interiore a um esame rigoroso e profundo: in una parola, che la filosofia é, nell'India, filosofia per davvero”.

Esta obra do filólogo indianista será sempre uma fonte preciosa de informações para quem quiser penetrar no campo árido dos sistemas filosóficos da Índia.

O livro de que vimos tratando foi precedido por várias publicações menores preparatórias. Dentre elas destaca-se o pequeno manual **Tarkâmrita** de Jagadeça (um tratado elementar de filosofia indiana), muito popular na Índia. Suali faz a tradução, que é a primeira na Europa, apresentando notas numerosas e confrontos com os textos congêneres. E' êste um trabalho sintético que se lê com prazer.

Iluminato. La Storia de Buddha (1925). Êste livro do Professor Suali veio ao ençontro de muitos individuos que desejam conhecer a vida de Buda pela maneira como o autor da obra a apresenta, isto é, numa linguagem simples e agradável, tratando do grande Iluminado desde o seu nascimento miraculoso até à renúncia, à visão libertadora, à pregação eficaz e à sua morte plácida e serena, sem se preocupar com a crítica dos textos. Foi traduzido para várias línguas tal a acolhida do belo livro.

Gotama Buddha (1934), é uma obra preciosa, escrita por Suali, que completa a primeira. O Professor Enrico Pappacena, no seu trabalho **Arte Antica e Scientia Moderna**, em que há quase 200 páginas consagradas aos indianistas, referindo-se a êste livro, faz sentir que embora seja diferente do outro, num certo sentido o completa, pois êste trata de Çakyâmuni sob o aspecto crítico. O trabalho representa a premissa de uma história do Budismo.

No **Dizionario di Filosofia**, sob a direção de Andrea Biraghi (Milão, 1957), encontra-se um trabalho do Professor Luigi Suali: **Il pensiero Indiano**. Não é tarefa muito fácil resumir em poucas páginas a história do pensamento do povo hindú. Suali em 11 páginas condensa admiravelmente o pensamento dêsse povo privilegiado num período de mais ou menos quatro mil anos. A mais antiga especulação religiosa-filosófica da Índia está documentada nos hinos do Rig-Veda, Sâmaveda, Yajurveda, Atharvaveda; Brâhmanas, Aranyakas, Upanishadas. O autor passa para a Mimânsa, Vedânta, Sâmkhya, Yoga, Nyâya, Vaiçeshika, Jainismo e finalmente o Budismo, procuran-

do demonstrar, numa síntese feliz, a diferença entre o Budismo antigo e o moderno, êste profundamente modificado.

Na importante e volumosa obra, sob a orientação do Dr. Giuseppe Tucci, **Le Civiltà dell'Oriente-Litteratura** (Roma, 1958), o Professor Luigi Suali publicou um notável estudo sobre **Litteratura dell'India Antica**. Em 93 páginas ilustradas, o autor apresenta todos os aspectos da literatura nestes tempos recuados e o faz de modo a se conhecer a grandeza dêsse povo que deixou uma bela herança cultural para outras gentes.

E' impossível, dado o espaço, dizer o que seria preciso a respeito dêste estudo bem feito e exato em face dos conhecimentos que se possui até hoje da Índia. Apenas diremos qual a posição do autor em face de certas correntes de idéias.

No que se relaciona à idéias afins entre o Ocidente e o Oriente, diz êle que, para a Índia, a influência estrangeira e especialmente grega se verificou no século de sua história passada, sobretudo em dois campos: a arte figurativa com a escritura greco-romana-budista do Gandhâra e as ciências chamadas exatas, especialmente a matemática e astronomia. Porém quanto ao que se refere aos produtos mais típicos da Índia, como sejam religião, filosofia e literatura, são, no seu modo de entender, isentos de influência estrangeira. Êle vai além, declarando que há certa influência da Índia sôbre o Ocidente, fazendo sentir que a novelística, algumas idéias filosóficas e religiosas, penetraram no mundo helenístico, pelo trâmite do Irã. Neste trabalho declara Suali deve ser banida a idéia de influência grega sôbre o Râmâyana, que é no sentir da crítica indiana "o primeiro poema da arte" e, sôbre tôda a literatura épica da Índia. Outrossim afirma que o teatro indiano se desenvolveu com caracteres próprios e sôbre uma linha histórica de tudo autônoma.

O problema da crítica histórica e em geral da literatura narrativa se reduz a dois pontos principais: qual o lugar de origens dessas narrativas, etc. e quais as vias de difusão dêsse lugar de origem. As discussões suscitaram três escolas: a escola antropológica inglêsa, representada neste problema por A. Lang, que nega a origem indiana; a de Bédier que sustenta a origem literária e independente da Índia e estuda o problema limitadamente aos **fabliaux**; e a de Cosquin, que sustenta, como Professor Luigi Suali, que a Índia foi, para a maior parte dos temas novelísticos, o ponto de origem ou pelos menos o centro de difusão.

Finalmente neste trabalho referindo-se à Bhagavad-Gêtâ, um dos mais altos produtos da espiritualidade indiana, a qual,

dentre os textos que estão no Mahâbhârata, é o mais famoso e dentre os indianos o mais lido e amado, como fonte de consolação e medicina da alma, Suali defende, como tantos outros, o ponto de vista da unidade do poema, contra a célebre tese de Garbe, na qual, havendo contudo algo a tomar em consideração, como alguns críticos o demonstram, **grosso modo**, entretanto deve ser rejeitada por falta de base sólida.

A vida cultural do Professor Luigi Suali deixa à nova geração um exemplo de interesse e amor à cultura variada da Índia. O exemplo que colheu dos mestres, quando moço, passa-o aos moços dos novos tempos.

Damos em seguida os dados bibliográficos e as Academias e Institutos científicos a que pertenceu o Professor Luigi Suali:

Academias, Sociedade e Institutos de que era membro o Professor Luigi Suali:

Secretário Honorário na Itália da Pali Text Society; Membro do Istituto Lombardo di Scienze e Lettere; Membro da Società Asiatica Italiana; Membro da Deutsche Morgenländische Gesellschaft; Membro da Accademia delle Scienze de Bologna; Membro da Accademia delle Scienze de Torino; Membro da Accademia dei Lincei; Membro da Gesellschaft der Wissenschaften de Göttingen.

OBRAS DO PROFESSOR LUIGI SAULI.

Obras em volumes: **Introduzione allo studio della filosofia indiana.**

Pavia. Metei e Cia. 1913.

L'Illuminato (La storia del Buddha), Milão, Treves, 1925.

(Tradução francesa: **Iluminé, La legende de Bouddha**, Paris. Tradução alemã: **Der Erleuchtete**, Frankfurt. Rütten und Loening Verlag, 1928).

Gotama Buddha, Bolonha, Zanichelli, 1934.

Storia Moderna dell'India, Milão, 2 volumes.

Monografias de mais de um autor:

Il pensiero indiano in Dizionario di filosofia a cura di Biraghi, Milão, 1957.

Litteratura dell'India antica in Lei civiltà dell'oriente, diretta da Tucci. Roma.

Traduções — Paul Deussen — **Gli elementi della metafisica.** Pavia, 1912.

Artigos — **I sistemi filosofici dell'India alla fine del secolo XIV** (Giorn. della società asiatica italiana, 17 (1905).

Contributi alla conoscenza della logica e della metafisica indiane, parte seconda: sistema Vaiçesika (1907).

La legge jainica (Giorn. soc. as. it. 1908).

Analisi dell'Adiçvaracaritra di Hemacandra (Studi italiani di filologia indo-iranica, diretti — 7 — 1909).
Arte greco-buddistica del Gandhâra (Atenas e Roma, 12 (1909).
Esiste una filologia indiana? 5 — 1911.
I drammi di Bhasa (Giorn. 25 — 1912).
La Trivandrum Sanskrit Series. 26 — 1913-1914.
Essai sur la theorie de la connaissance dans la philosophie indienne, 1920.
Asoka, il Marco Aurelio dell'India (Il Marzocco). 1927.
Publicazioni della Pali Text Society (1930).
Materieux pour servir à l'histoire du materialisme indien.

Edições críticas e comentários de textos sânscritos:

O Lokatattvanirnaya di Haribhadra. (Giorn. soc. asiat. it. 18 — 1905).
Shaddarsana-Samuchchaya by Haribhadra with Guraratna's commentary Tarkarahasya Dipika Calcutá, 1905 (fasc. 1), fasc. 2 (1907).
Um tratado elementar da filosofia indiana: **Tarkâmrita di Jagadîça** pela primeira vez traduzido e anotado (Revista Filosófica) — 1908.
Shri-Chandraprabhasuri's Prameya-Batna-Kosha, publicado por Jaina-Darma-Prasarak-Sabbha, Bhavnagar, 1912. Bombaim.
Dharmabindu, a work of Jaina philosophy by Haribhadra, Calcutá, 1912.
The Yhananga Suttam, First part, books — 1-III — Ahmedabad, 1912.

JORGE BERTOLASO STELLA